O ACONTECIMENTO MIDIATIZADO EM CIRCULAÇÃO: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

THE MEDIATIZED EVENT IN CIRCULATION: METHODOLOGICAL NOTES

Marlon Santa Maria Dias[1]

Resumo: Este artigo apresenta um exercício reflexivo sobre orientações e desafios metodológicos encontrados em uma pesquisa recém-concluída sobre a circulação de sentidos em torno da mobilização *Eu não mereço ser estuprada*. Descrevemos e avaliamos métodos e técnicas da pesquisa: fase exploratória, mapeamentos e coleta, observação sistemática e interpretação dos dados. Discutimos conceitos que embasam a compreensão do que denominamos *acontecimento midiatizado* e as particularidades do estudo de caso de caráter midiático. Por fim, apresentamos algumas descobertas da investigação e pistas para pensarmos as metodologias de pesquisas sobre circulação midiática.

Palavras-chave: Midiatização. Acontecimento. Metodologia.

1. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. E-mail: marlon.smdias@gmail.com.

Abstract: This article presents a reflective exercise about orientations and methodological challenges faced in a recently finished research on the circulation of meanings around the mobilization *Eu não mereço ser estuprada*. We describe and evaluate research methods and techniques: exploratory phase, mapping and data collect, systematic observation and data interpretation. We discuss concepts that support the understanding of what we call *mediatized event* and the particularities of the mediatic case study. Finally, we present some research findings and clues to think about the methodologies of research on media circulation.

Keywords: Mediatization. Event. Metodology.

1 Nota introdutória

A gênese de qualquer investigação está na inquietação, que pode surgir em um momento qualquer, enquanto folheamos um jornal no café da manhã, assistimos a um programa televisivo, andamos de ônibus, conversamos com alguém na fila da padaria ou deslizamos o cursor do *mouse* na tela do computador. Ao observarmos a realidade empírica, formulamos perguntas e fazemos inferências num processo reflexivo de abdução que, seguindo as proposições peirceanas, é o caminho para a produção de descobertas.

A escrita de uma proposta de pesquisa atrela-se a esses processos de indagação, pois é escrevendo que planejamos o caminho, organizamos as ideias, elencamos as perguntas, descrevemos os observáveis e realizamos um laborioso exercício de argumentação. Este é o início de um percurso complexo que compreende diferentes etapas e um trabalho reflexivo de constante vigilância. Um percurso singular, pois cada pesquisa desenha um mundo a partir da especificidade de seu problema, dos observáveis e das inferências.

Este texto nasce tendo como horizonte de retrospecção uma pesquisa de mestrado finalizada no início de 2016[2],

2. Este texto deriva da dissertação de mestrado "A circulação de sentidos em 'Eu não mereço ser estuprada': uma leitura do acontecimento midiatizado", defendida em março de 2016 na UFSM.

na qual investigamos os modos como estratégias discursivas enunciadas por atores, campos e mídias – em uma complexa atividade de circulação que envolve dimensões midiáticas e não-midiáticas – constroem um acontecimento no contexto de uma sociedade em processo de midiatização. Tínhamos como objeto empírico a produção discursiva acerca da mobilização *Eu não mereço ser estuprada*, que emergiu no Brasil em 2014 a partir de um protesto articulado, sobretudo, por atores nas redes sociais digitais.

Neste artigo, propomo-nos a realizar um exercício reflexivo sobre orientações e desafios metodológicos que constituíram a pesquisa supracitada. Assim como Brennen (2013), acreditamos que o processo reflexivo acerca das práticas metodológicas nos auxilia tanto na compreensão das interpretações advindas dos processos de observação dos dados, como também nos alerta para os fatores que influenciam a pesquisa – contextos sociais, culturais, históricos, experiências dos sujeitos da investigação. Além de descrever o percurso metodológico, objetivamos refletir sobre as especificidades que desafiam as pesquisas no campo da Comunicação que tem a problemática da midiatização como orientação epistêmico-teórica (Bonin, 2016) e, mais detidamente, investigações sobre a construção de acontecimentos nas paisagens ainda pouco exploradas da circulação.

O artigo se estrutura nas seguintes partes: de início, apresentamos o caso estudado e discutimos questões relativas à construção teórica; em seguida, refletimos sobre o percurso metodológico a partir do desenho da pesquisa; por fim, apresentamos algumas considerações acerca dos constrangimentos, desafios e descobertas da investigação.

2 De onde partimos: o caso empírico

Em 28 de março de 2014, a jornalista Nana Queiroz publicou em seu perfil no Facebook uma fotografia tirada em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, na qual aparece seminua, da cintura para cima, cobrindo os seios com os braços, onde lemos a seguinte inscrição: “não mereço ser es-

tuprada". A imagem que circulou nas redes sociais digitais, nos sites de notícia, blogs e nos veículos de mídia tradicional era um protesto em resposta a uma pesquisa divulgada no dia anterior pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)[3], cujos dados apontavam a concordância da maioria dos respondentes à afirmação: "mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas"[4]. O protesto desencadeou a mobilização digital *Eu não mereço ser estuprada*.

Após a publicação de sua foto, a jornalista criou um evento[5] no Facebook, em que convidava mulheres a publicarem em seus perfis pessoais fotos semelhantes à dela: "A ideia é que a gente tire a roupa e se fotografe, da cintura para cima, com um cartaz tampando os seios com os dizeres 'Eu também não mereço ser estuprada' e postemos, todas juntas, ao mesmo tempo, online". As mulheres deveriam tirar suas fotos vestindo o que lhes deixasse à vontade, como exemplificava Nana na publicação que incentivava a participação: "de burca, de roupa de futebol ou de biquíni". A partir do enunciado escrito no próprio corpo, Nana desencadeia um ato discursivo que depois toma rumos incertos e percorre fluxos distintos a partir da apreensão e ressignificação por outros atores sociais.

O protesto repercutiu e não se restringiu apenas ao Facebook, espraiando-se para outras ambiências digitais (Twitter, Tumblr, Instagram, blogs). Os sites das organizações

3. A pesquisa "Tolerância social à violência contra as mulheres" integra o Sistema de Indicadores de Percepção Social do Ipea: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf. Acesso: 11 dez. 2015.

4. Uma semana depois (04/04/2014), o Ipea lançou uma nota oficial corrigindo os dados divulgados anteriormente. Segundo a nota, houve um erro na elaboração dos gráficos e a percentagem estava trocada: 26% (e não 65%) dos entrevistados concordavam com a afirmação de que as mulheres que usam roupas curtas merecem ser atacadas. Disponível em: http://goo.gl/1UP8IL. Acesso: 23 jun. 2016

5. O evento foi cancelado algum tempo depois. No entanto, as discussões que vinham sendo realizadas no evento migraram para outro espaço no Facebook, o grupo de discussão *Eu não mereço ser estuprad@ [OFICIAL].*

midiáticas tradicionais também passaram a dar visibilidade para o protesto, publicando matérias jornalísticas sobre a mobilização anti-estupro que se organizava pelas/nas redes digitais naquele momento. O protesto tornou-se pauta midiática nos meios tradicionais de comunicação – dos jornais aos programas televisivos de variedades e telenovelas. Dando à mobilização contornos narrativos próprios do jornalismo convencional, as matérias focavam-se em Nana Queiroz como ator responsável pela mobilização e sinalizavam para o potencial das redes sociais digitais na articulação de manifestações coletivas do mesmo tipo.

Se até alguns anos atrás, entravámos em contato com os acontecimentos quase que exclusivamente pela produção midiática a respeito deles, hoje estamos diante de um cenário diferente que não apenas propicia novos espaços para a eclosão e construção de tais acontecimentos (como as redes digitais), mas também desloca as referências de inteligibilidades sobre essas ocorrências e exige um arranjo das mídias tradicionais para se adaptar a tais cenários. O *Eu não mereço ser estuprada* emerge, assim, como um desses casos que instigam a pensar a relação dos processos midiáticos com a vida social.

Ao observamos mais detidamente o objeto empírico, buscávamos maneiras de compreendê-lo e, em determinado momento, começamos a nomeá-lo de *acontecimento midiatizado*, pois entendíamos que sua constituição enquanto acontecimento sofria injunções do processo de midiatização. Na sequência, apresentamos os conceitos norteadores para essa investigação e o modo como o quadro teórico referencial foi sendo tensionado pelas descobertas advindas da observação empírica.

3 O que é acontecimento midiatizado: pistas teóricas

Uma das inquietações frequentes no trabalho de investigação científica é “o lugar da teoria” na pesquisa. Isso se dá porque, muitas vezes, a construção teórica já existente

sobre determinados fenômenos nos seduz a encaixar o objeto observado em categorias prévias, num movimento apriorístico que pode se dar não só teórica como também metodologicamente. Assim como França e Lopes (2016), pensamos que o quadro teórico de referência existe não apenas para sustentar o trabalho, como também para abrir o problema. Deparamo-nos, assim, com um movimento duplo: o acionamento teórico e do problema de pesquisa esquadrinham os observáveis e a observação do objeto tensiona o problema e as teorias.

Durante a observação do objeto, percebemos que estávamos diante de um acontecimento que, diferente do que se observava há alguns anos, constituía-se midiaticamente não apenas por meio das narrativas da mídia tradicional, mas também – e sobretudo – pelas produções discursivas e apropriações dos atores sociais interconectados em redes digitais. A tensão percebida entre as tradicionais instâncias de produção e recepção deslocaram nosso olhar para as zonas de circulação, indicando que o caso se constituía sob injunções do processo de midiatização. Desse modo, fomos construindo nosso referencial teórico, composto pelos conceitos norteadores de acontecimento, midiatização e circulação.

Acontecimento é um conceito caro para diferentes disciplinas, que tomam para si definições peculiares (França, 2012). É possível identificar no mínimo dois tipos de acontecimento: o experienciado no cotidiano e o jornalístico. Enquanto o primeiro "corresponde à emergência e às afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas" (Berger e Tavares, 2010, p. 122), o segundo pode ser entendido como a construção do acontecimento pelas linguagens jornalísticas. Essa separação funciona mais em nível didático, afinal, é impossível – e até equivocado, como atentam Berger e Tavares (2010) – fazer essa separação de modo rigoroso, afinal, o acontecimento experienciado fornece elementos para a construção do acontecimento jornalístico, assim como este modifica a percepção daquele.

Comparando as diferentes vertentes do acontecimento (Zamin e Marocco, 2010) e as possíveis tipologias do acontecimento jornalístico (Berger e Tavares, 2010), encontramos

um ponto de coesão entre essas perspectivas: o caráter singular do acontecimento, capaz de romper com uma suposta "normalidade", instaurando rupturas. Acrescenta-se a isso o que Quéré (2005) considera o mais importante: seu poder de afetação. Para o autor, só há acontecimento porque ele afeta (acontece a) alguém, "ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade" (França, 2012, p. 13).

A partir disso, questionamos de que modo podemos pensar a constituição de acontecimentos que emergem em uma sociedade midiatizada. Se, como afirma Nora (1974), os acontecimentos possuem a marca da mídia que lhes é contemporânea, que características teria o acontecimento em uma sociedade marcada por manifestações de midiatização?

Entendemos midiatização como fenômeno social, mas também enquanto os próprios mecanismos que a fazem funcionar, engendrando complexidades resultantes da instalação de novos modos de interação social (Sodré, 2002) e da transformação cada vez mais frequente de tecnologias em meios (Fausto Neto, 2008). Essas complexidades que envolvem processos midiáticos e sociais se desenvolvem em uma nova ambiência (midiatizada), que estrutura e organiza os sentidos e que se reconfigura a partir de operações midiáticas e de novas práticas de interação dos atores.

Uma das características da sociedade midiatizada é o funcionamento de "um novo tipo de real, cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas" (Fausto Neto, 2006, p. 3). Contrariando teorias que preconizavam uma unificação do consumo a partir da convergência tecnológica, Fausto Neto (2006) afirma que a midiatização aponta para outro caminho, complexo e incompleto, de descontinuidades e segmentação, uma nova forma de sociedade fragmentada e heterogênea.

Destacamos o modo transversal como pensamos esses conceitos, ou seja, a incidência de um sobre o outro. Por isso utilizamos o termo *acontecimento midiatizado*. Refletir sobre o acontecimento midiatizado é pensar os modos como

o processo de midiatização afeta e modifica a constituição de um acontecimento e possibilita novos espaços para sua eclosão e, consequentemente, outros olhares, interpretações, usos e construções que remetem a um modo singular de constituição do próprio acontecimento. Além disso, o processo de circulação de sentidos sobre o acontecimento nos aponta caminhos para pensar a ambiência da midiatização – esse *bios* midiático, na expressão de Sodré (2002).

Nesse cenário, desponta a problemática da circulação, não mais compreendida como um lugar de passagem, em que os discursos transcorriam numa lógica linear, mas em *locus* de outro tipo de trabalho enunciativo dos atores. Essa nova atividade de circulação acentua a descontinuidade entre as lógicas de produção e recepção, num processo de acoplamentos que, longe de apontar para uma convergência de sentidos, se realiza segundo postulados de divergência (Fausto Neto, 2012, 2015). A circulação passa a ser o "espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação" (Braga, 2012, p. 38).

Essa nova arquitetura comunicacional (Fausto Neto, 2012) desafia a pesquisa empírica a compreender como opera a midiatização. As realidades complexas e dinâmicas pelas quais se movimentam nossos objetos de pesquisa impõem repensar os processos e métodos de investigação. Por isso, consideramos válido revisitar os percursos metodológicos e refletir sobre nossas práticas de pesquisa. É nisso que nos detemos a seguir.

4 Caminhos para a leitura do caso

Quando iniciamos a pesquisar o *Eu não mereço ser estuprada*, tínhamos em mente que a conformação do objeto em um único método de pesquisa restringiria a própria compreensão do fenômeno. Não dispondo de receitas prévias, deixamos que o próprio objeto nos mostrasse caminhos para a sua investigação. Durante o processo, guiamo-nos pelo que atenta Braga (2010) acerca das questões comunicacionais comportadas pela situação em estudo. Segundo o autor,

há uma necessidade de interrogar os objetos investigados a partir de um enfoque comunicacional, ou seja, elaborar perguntas propriamente comunicacionais sobre os fenômenos, a fim de superar a noção de interdisciplinaridade que ainda caracteriza a Comunicação para avançar na delimitação e constituição desta enquanto uma disciplina com aportes teórico-metodológicos próprios.

As pesquisas sobre as transformações decorrentes do processo de midiatização apontam para dificuldades no nível metodológico, porquanto o objeto de pesquisa em questão é o próprio processo. O estudo de um fenômeno em sua processualidade fez com que buscássemos um caminho que não se limitasse a apenas uma técnica de investigação, fazendo-nos construir um percurso que possibilitasse compreender a complexidade que caracteriza uma sociedade em que instituições, atores e práticas se relacionam e se afetam sob a articulação de uma cultura midiática (Mata, 1999; Fausto Neto, 2008). Desse modo, a aproximação inicial de caráter exploratório aliada à observação sistemática da realidade empírica do objeto nos ajudou a tomar as decisões de percurso que regem os recortes, as categorizações e os acionamentos teóricos que fundamentam a pesquisa.

4.1 Pesquisa exploratória

Bonin (2016, p. 222) considera a pesquisa exploratória uma prática metodológica fundamental, que permite "recolher do mundo empírico elementos para alimentar nossas construções". Em nossa experiência, essa prática constituiu um importante processo na construção da problemática de pesquisa e dos procedimentos de investigação, norteando alguns recortes necessários para tornar viável a pesquisa dos observáveis. A exploração do caso iniciou por um mapeamento exaustivo dos espaços por onde circulou o acontecimento. A partir dessa fase exploratória, foi possível não só identificar esses espaços de visibilidade como também estabelecer cronologias do acontecimento.

A pesquisa exploratória apresentou um universo vasto de materiais referentes à mobilização que se desenhava

nas redes sociais digitais. A partir dessa primeira coleta, fizemos inferências que ajudaram a delinear as proposições de pesquisa. Partimos da premissa de que a mobilização estudada possuía um caráter acontecimental. No entanto, algo a diferenciava dos acontecimentos midiáticos sobre os quais tínhamos conhecimento, já amplamente estudados pelas pesquisas circunscritas aos estudos de jornalismo: o *Eu não mereço ser estuprada* não estava sob a égide da mídia tradicional, mas se desenvolvia a partir de lógicas empreendidas pelos atores interconectados em ambientes digitais. Além disso, o modo como a mobilização se constituía nas redes digitais correspondia ao que alguns estudos do campo apontam como sintomas do processo de midiatização da sociedade.

Mesmo tendo como foco da pesquisa a emergência da mobilização no ambiente digital, buscamos também perceber se essa mobilização tinha sido pautada pelas mídias tradicionais de comunicação, visto que o acontecimento emerge nas redes sociais digitais, mas não se restringe apenas a esse ambiente, tampouco à cobertura da mídia digital ou de jornalistas independentes. Assim, fomos atrás do conteúdo da mídia impressa[6] e televisiva[7]. As informações coletadas ajudaram a contextualizar o acontecimento e, também, a perceber os fluxos de circulação que vão além do ambiente digital. Desse modo, a pesquisa exploratória nos levou ao mapeamento do que entendemos como três espaços que visibilizaram o *Eu não mereço ser estuprada* no ambiente digital: a) mídia tradicional (sites pertencentes a veículos de organizações jornalísticas), b) blogs (independentes ou vinculados a portais de informação) e c) sites de redes sociais (especificamente, Facebook e Twitter).

6. Das quatro revistas semanais de informação brasileiras, por exemplo, apenas Época apresentou reportagens que buscavam aprofundar a temática e "desdobravam" a pauta em outras matérias secundárias. As outras três revistas – Carta Capital, Veja e IstoÉ – apenas mencionam a mobilização em notas informativas.

7. Além da cobertura dos telejornais, destacamos a participação de Nana Queiroz em programas de auditório (como Altas Horas e Encontro), assim como a tematização do protesto em uma cena da novela *Em Família*, que à época era transmitida em horário nobre na Rede Globo.

De início, pensamos em investigar o modo como o jornalismo tematizou a mobilização. A observação do material coletado, no entanto, mostrou que esse caminho descolaria a pesquisa de nossa principal inquietação: compreender a construção de um acontecimento que foge às regulações da mídia tradicional e se constitui a partir da circulação de sentidos ofertados não só pelo jornalismo, mas também, e principalmente, pelos atores envolvidos na mobilização. Assim, delimitamos o espaço das redes sociais digitais como o universo de nossa pesquisa empírica. Especificamente, elegemos o Facebook como esse espaço de investigação e iniciamos a fase que denominamos de pesquisa sistemática.

4.2 Observação sistemática em redes sociais digitais

Ao decidirmos focar nossa observação no ambiente do Facebook, retomamos nossas anotações da pesquisa exploratória, a fim de fazer os recortes necessários e planejar a observação. Encontramos 40 páginas e 20 grupos de discussão intitulados “Eu não mereço ser estuprada” (ou algo semelhante). Percebemos que esses espaços foram criados no momento de eclosão do protesto, por diferentes atores que se envolveram na mobilização. A criação desses espaços, todavia, não garante a adesão dos interagentes, por motivos variados: pouca divulgação da página/grupo, originalidade, conteúdo dos materiais postados, entre outros.

Diante de um vasto material, iniciamos um trabalho de escolhas que se baseou, sobretudo, em dois critérios: a) número de curtidas (nas páginas) e de membros (nos grupos) e b) permanência de atividade nos meses subsequentes ao protesto. A utilização desses critérios se deu, especialmente, pela percepção de que a maioria desses espaços já não possuía mais atividades (publicação de conteúdo ou interação entre os membros), bem como ao fato de ser pequeno o número de pessoas vinculadas a eles.

No fim, optamos por uma observação sistemática encoberta não-participativa de apenas um grupo de discussão:

Eu não mereço ser estuprad@ [OFICIAL][8]. Essa delimitação surgiu a partir do que formulamos como problema de pesquisa. A questão norteadora aponta para o modo como as estratégias discursivas constroem o acontecimento midiatizado a partir da mobilização. Analisar as estratégias produzidas pelos atores em vários espaços demandaria um trabalho hercúleo, impossível de se realizar no tempo que tínhamos para a conclusão do mestrado. A escolha por delimitar o *corpus* de análise no grupo de discussão deu-se pelo fato de ele reunir um expressivo número de integrantes, pela variedade de material em circulação ali – em sua maioria o mesmo que circulava pelas páginas – além de encontrarmos interações entre os atores, propiciadas pelo próprio caráter de fórum de discussão que rege o grupo.

Desse modo, passamos a observar o grupo e a coletar material para a análise – com o intuito de mapearmos as estratégias discursivas produzidas pelos atores. O período de coleta compreende nove meses, tendo início no dia da criação do grupo (31 de março de 2014) e finalizando no dia 31 de dezembro de 2014. A escolha do período para a coleta foi, de certo modo, arbitrária, mas tínhamos como objetivo acompanhar, durante aquele ano de 2014, o desenvolvimento das discussões do grupo, sem ainda ter delimitado exatamente quais publicações seriam efetivamente analisadas. Sabíamos, no entanto, que seria impossível analisar todas as publicações desses nove meses, visto que, ao final da coleta, tínhamos 1.412 postagens. Por fim, selecionamos as postagens do primeiro mês de existência do grupo.

Durante a observação do grupo, muitas foram as questões que surgiram referentes aos procedimentos metodológicos para realizar uma investigação científica na internet. Deparamo-nos com dificuldades próprias de quem precisa observar um universo em constante movimento, "difícil de recortar, em função de sua escala [...], heterogeneidade [...] e dinamismo [...]" (Fragoso et al, 2013, p. 55). Pela amplitu-

8. Grupo com o maior número de membros (6.995), continuou em funcionamento até a finalização da observação, com atualizações diárias e discussões de temas relacionados ao estupro e temáticas feministas.

de de material e dificuldade de recorte, passamos também a pensar de que modo nossas escolhas metodológicas davam conta de investigar esse universo, afinal, concordamos que "é preciso repensar práticas metodológicas tradicionais que não dão conta de explicar a natureza fluída, complexa e multifacetada das relações sociais presentes na Internet" (Johnson, 2010, p. 21). A observação sistemática foi um caminho profícuo para compreender as lógicas de organização dos atores e, especialmente, para a coleta do material empírico para análise.

Assumimos uma preocupação de não priorizar aspectos estruturais dessas redes, lembrando que a relação se estabelece nesses espaços em decorrência da (inter)ação dos atores envolvidos. Buscamos fugir, assim, da dicotomia que se apresenta em algumas investigações, entre estrutura e agência, que acaba por negligenciar "os processos, as dinâmicas e dimensões das interações sociais que em muitos momentos seguem regras e determinações, mas que também são mutáveis, fluidos, descontinuados, indeterminados e contingentes" (Johnson, 2010, p. 25).

Ao nos colocarmos como observadores da semiose social, é importante também pensarmos que posição é essa que ocupamos. Verón (2013) defende a necessidade de uma epistemologia dos observadores, ao reconhecer os diferentes níveis de observação implicados nesse processo. O autor afirma que, nas Ciências Sociais, a observação indireta é a prática mais comum, ou seja, a observação de produtos (sejam eles midiatizados ou não) resultantes da exteriorização dos processos mentais (Verón, 2013, p. 404). Quando observamos os atores sociais, colocamo-nos como observadores de segundo grau (Luhmann, 2010), observando atores que são também observadores. Ao mesmo tempo, observamos a nós mesmos e somos observados, criando novos níveis desse processo.

Como afirma Verón (2013), o que se observa são signos materializados, fragmentos da semiose, que são superfícies discursivas híbridas. Os rastros deixados por essas operações discursivas são produtos de interpenetrações (Luhmann, 2010) e, para sua identificação, é necessário olhar para a posição que o observador ocupa. A seleção dos conteúdos para

análise se dá, assim, como resultado desse processo de observação das interações dos atores sociais em rede (no grupo) e dos enunciados coletados nos diferentes ambientes.

4.3 Estudo de caso midiático

Método escolhido por pesquisas em diferentes áreas, o estudo de caso pode ser entendido como "uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas" (Yin, 2010, p. 32). Essa definição vai ao encontro do que pensa Becker (1997, p. 117), para quem o método do estudo de caso "supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso".

Braga (2008) atenta, porém, que pouco se reflete sobre o método do estudo de caso articulado às pesquisas da Comunicação. Compreendendo a comunicação como disciplina indiciária, o autor defende que os estudos de caso se prestam à produção do conhecimento nas atuais condições de constituição da disciplina, pois a busca por indícios é própria desse método de análise. Durante o desenvolvimento da pesquisa, guiamo-nos por essa proposição, buscando desenvolver um estudo de caso que primasse pelo levantamento de indícios. A articulação desses indícios derivou inferências sobre o fenômeno em estudo a partir de um tensionamento triangular entre situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa.

Em determinado momento, já realizada a pesquisa exploratória e em andamento com a observação sistemática, chegamos até um texto de Ford (1999) que nos ajudou a compreender melhor o fenômeno que se desenhava a partir do conjunto de indícios que coletamos em mapeamentos. A partir da análise de um conhecido caso argentino ocorrido nos anos 1990, o brutal assassinato de uma jovem de 17 anos, o autor investiga a exasperação do caso por meio de sua construção midiática. Em suas considerações, entende que o caso exemplar rompe com a normalidade da vida cotidiana

do povoado em que a adolescente vivia e, posteriormente, sua história passa a ser acompanhada e narrada por diferentes meios de comunicação.

Para Ford (1999), caso midiático é uma instância que sucede em nível individual/microssocial, exposta mediante uma estrutura discursiva e se constitui enquanto modelo narrativo por natureza. Para a apreensão do caso, o autor detalha alguns procedimentos de categorização, num movimento de discriminação do acontecimento que faz o deslocamento "da ordem da primeiridade-secundidade para a ordem da terceiridade, da ordem da casualidade e dos feitos para a ordem das leis e das interpretações" (Ford, 1999, p. 256, tradução nossa). Ou seja, a partir da movimentação do caso, do foco nas tematizações e na circulação de sentidos, é possível compreender o modo como o caso se estrutura narrativamente e também sua conformação em contextos socioculturais. Um desafio se impôs à pesquisa: compreender essa movimentação do caso – ou seja, seu trabalho de enunciação e circulação – em uma ambiência midiatizada, na qual a narração do caso não se dá apenas pelos meios de comunicação hegemônicos, mas também por outros campos e atores sociais.

A articulação entre as proposições de Braga (2008) e Ford (1999) nos auxiliaram a compreender o caráter comunicacional e midiático do nosso estudo de caso. Foi a partir desse entendimento que conseguimos fazer os arranjos metodológicos necessários. Assim, a sistematização da análise foi dividida em dois momentos que, em conjunto, deram forma ao que denominamos acontecimento midiatizado.

Num primeiro momento, inscrevemos o acontecimento em uma linha temporal e o reconstituímos a partir de sua movimentação e narrativização nos ambientes midiáticos: desde a divulgação da pesquisa pelo Ipea, passando pelas tematizações dos títulos das matérias jornalísticas até o protesto virtual, a produção discursiva dos atores, chegando às reverberações do caso e seus reflexos na vida social cotidiana. A representação desses caminhos de fluxos se deu por meio de recursos diagramáticos. A partir desses diagramas, vislumbramos as possibilidades de reconstrução da circulação mi-

diática do acontecimento, movimento necessário para compreendermos a própria processualidade do acontecimento.

Num segundo momento, verticalizamos nossa atenção ao grupo de discussão e analisamos a interação discursiva estabelecida entre os atores. Com o aporte teórico-metodológico da análise semiológica dos discursos (Verón, 2005), identificamos marcas e estratégias discursivas de constituição do acontecimento. O trabalho de observação e coleta nos fez chegar a cinco categorias: mobilização, pedagogização, sororidade, experiência e midiatização. A criação de categorias se deu sobretudo pelo fato de elas oportunizarem uma melhor sistematização e organização da análise em torno de eixos.

5 Considerações Finais

A ideia deste texto nasceu enquanto ainda pesquisávamos o *Eu não mereço ser estuprada* e nos deparávamos com inquietantes questões metodológicas. De que modo investigar um acontecimento com tantas dimensões? Se sua construção se dá não só pelo que o jornalismo oferta, mas também pelas apropriações e produções dos atores sociais – que, inclusive, tensionam a produção jornalística –, como mapear essas cadeias discursivas? É possível mapear circuitos? Como investigar as zonas de circulação, espaço ainda tão pouco explorado? Fomos construindo um caminho tentativo, na busca por uma justaposição adequada entre o que o problema de pesquisa inqueria, o que as teorias nos faziam refletir e o que nos era mostrado pelo objeto. Salientamos que o objetivo deste trabalho não é apresentar um modelo analítico adaptável a determinados objetos. Pelo contrário, intentamos mobilizar um debate acerca de desafios de dimensão metodológica que nos interpelam e, de modo geral, conectam pesquisas que se debruçam sobre fenômenos da midiatização.

Ao estudarmos um objeto em sua processualidade, criamos esquemas interpretativos que dessem conta de sua compreensão. Assumimos esta pesquisa enquanto uma in-

vestigação empírica de abordagem qualitativa e sinalizamos o cuidado necessário para fugir de uma metodização apriorística. Durante o processo de construção metodológica, percebemos que um método linear de investigação não daria conta da complexidade do acontecimento estudado e optamos por métodos de pesquisa que não ignorassem as possibilidades de combinação. Refletindo sobre esse processo, percebemos a falha em não assumirmos uma perspectiva transmetodológica como tal, o que nos daria maior suporte e orientação.

Dada a extensão deste artigo, buscamos sintetizar o percurso da pesquisa, destacando o processo de pesquisa exploratória e a posterior observação sistemática. Partindo da ideia do estudo de um caso específico, assumimos a investigação enquanto um estudo de caso, porém, fazendo as devidas adequações à problemática comunicacional investigada. O entendimento do acontecimento enquanto um caso midiático e a formulação de perguntas propriamente comunicacionais norteou a busca e organização dos indícios. Com o material coletado, essa organização pôde ser feita a fim de reconstruirmos alguns caminhos de leitura a partir da movimentação e narrativização do caso nos ambientes midiáticos.

O processo descritivo dos fluxos do acontecimento possibilitou compreender aspectos de sua construção que ficariam nas bordas de uma análise que contemplasse apenas a cobertura midiática do caso. A noção de caso midiático refere-se aos modos de narração dos acontecimentos a partir de sua construção midiática. Um dos desafios da pesquisa foi pensar essa movimentação, ou seja, o trabalho de circulação e enunciação do acontecimento, em uma ambiência midiatizada. Por conta disso, a pesquisa exploratória e o mapeamento foram importantes para o processo de coleta de dados e para a verticalização do estudo para a análise dos enunciados produzidos pelos atores no grupo *Eu não mereço ser estuprad@ [OFICIAL]*. Entender que os atores sociais exerceram uma função fulcral na construção do acontecimento direcionou nosso olhar para o grupo de discussão, onde foi possível identificar movimentos de circulação discursiva diferentes dos já identificados na análise do macroambiente.

Todos dados coletados foram interpretados por uma análise semiológica dos discursos.

Por meio da observação sistemática, compreendemos que a movimentação do caso ganhava novos contornos em decorrência da circulação que havia dentro do grupo. Ao mesmo tempo em que o olhar panorâmico nos fez coletar milhares de postagens, conseguimos acompanhar o desenvolvimento do grupo e da própria mobilização durante os primeiros nove meses de existência do grupo. A partir dessa observação, conseguimos elencar quatro tipos de informações mais recorrentes: a) relatos de abuso/violência contra a mulher, b) crítica ao tratamento midiático a pautas relacionadas às mulheres, c) articulação de mobilizações e manifestações públicas, d) compartilhamento de artigos, vídeos e imagens para discussão. Por meio dessa tipificação, separamos os enunciados e criamos categorias que nos ajudaram a identificar estratégias discursivas e compreender como os atores produziam seus discursos.

Estudar esses casos com foco na circulação demanda lançar mão de técnicas metodológicas que possibilitem uma exploração mais profunda do caso. Acreditamos que a conjugação de técnicas foi um caminho satisfatório, no entanto, a fim de manter o rigor científico das investigações, é preciso, cada vez mais, pensarmos em modos de aprimorar nossos procedimentos metodológicos, sobretudo quando trabalhamos com ambientes tão mutáveis como o digital, que nos apresenta tantos dados para serem coletados.

O acontecimento midiatizado, portanto, se constitui a partir de distintas lógicas midiáticas advindas de diferentes pontos. Por circular na ambiência midiatizada, o acontecimento vai se constituindo por meio de fragmentos e descontinuidades, acoplando lógicas de sistemas diversos, que se afetam e geram derivações, com sentidos que fogem às trajetórias da circulação midiática discursiva. Com isso, o acontecimento midiatizado também se caracteriza por ocorrer em um ambiente em que, cada vez mais, ocorre o esmaecimento das instâncias da produção e da recepção (Fausto Neto, 2015). E esse acontecimento deixa rastros na rede, retorna a partir de novas significações, é apropriado a novas causas.

A partir de distintas estratégias discursivas, o acontecimento ressurge e se ressignifica, estabelecendo uma conexão entre as práticas dos atores que se vinculam à frase símbolo da mobilização.

Percebemos, assim, que há uma nova processualidade na constituição do acontecimento, que demanda um olhar mais atento e que deve considerar o seu desenvolvimento em plataformas distintas e num espaço-tempo alargado. O acontecimento afeta os atores sociais em diferentes níveis e estes o põem em circulação, a partir de suas apropriações e enunciações distintas. O acontecimento se midiatiza e, nisso, se complexifica e desenha caminhos difusos para a sua investigação.

Referências

BECKER, H. 1997. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec.

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B. 2010. Tipologias do acontecimento jornalístico. *In*: M. BENETTI; V. FONSECA (org.), *Jornalismo e acontecimento*: mapeamentos críticos. Florianópolis, Insular, p. 121-142.

BONIN, J. 2016. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. *In*: C. P. MOURA; M. I. V. LOPES, *Pesquisa em comunicação*: metodológicas e práticas acadêmicas. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 213-231.

BRENNEN, B. S. 2013. *Qualitative research*: Methods for Media Studies. New York/London, Routledge.

BRAGA, J. L. 2008. Comunicação, disciplina indiciária. *Matrizes*, 1(2):73-88.

_____. 2010. Pesquisando perguntas (um programa de ação no desentranhamento do comunicacional). *In*: A. FAUSTO NETO *et al.* (org.), *Midiatização e Processos Sociais*: aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 79-93.

_____. 2012. Circuitos versus Campos Sociais. In: M. Â. MATTOS; J. JANOTTI JUNIOR; N. JACKS (org.), *Mediação e midiatização*. Salvador, EDUFBA, p. 31-52.

FAUSTO NETO, A. 2006. Midiatização, prática social: prática de sentido. *In*: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação e Comunicação (COMPÓS), 15, Bauru/SP, 2006. *Anais*... 1: 1-15.

_____. 2008. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. *Matrizes*. São Paulo, ECA/USP, 1(1):89-105.

_____. 2012. Narratividades jornalísticas no ambiente da circulação. *In*: F. PICCININ; D. A. SOSTER (org.), *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC.

_____. 2015. Recepção, 'corpo-significante' em circulação. *In*: L. D. BRIGNOL; V. BORELLI (org.), *Pesquisa em recepção*: relatos da Segunda Jornada Gaúcha. Santa Maria, FACOS-UFSM, p. 17-24.

FORD, A. 1999. *La marca de la bestia*: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea. Buenos Aires, Grupo Editorial Norma.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. 2013. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Sulina.

FRANÇA, V. 2012. O acontecimento e a mídia. *Galaxia*, **24**:10-21.

_____.; LOPES, S. 2016. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *In*: Encontro Anual da COMPÓS, 25, Goiânia/GO. 2016. *Anais*... **1**:1-17

JOHNSON, T. 2010. *Pesquisa social mediada por computador*: questões, metodologias e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro, E-papers.

LUHMANN, N. 2010. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis, Vozes.

MATA, M. C. 1999. De la cultura masiva a la cultura mediática. *Diálogos de la Comunicación*, 56:80-91.

NORA, P. 1974. Le retour de l'événement. *In*: J. LeGOFF; P. NORA, *Faire de l'histoire*: nouveaux problèmes. Paris, Gallimard.

QUÉRÉ, L. 2005. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*. **6**:59-75.

SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, Vozes.

VERÓN, E. 2005. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Unisinos.

_____. 2013. *La Semiosis Social*, 2: Ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Paidós.

YIN, R. 2010. *Estudo de caso*: planejamento e métodos. Porto Alegre, Bookman.

ZAMIN, A; MAROCCO, B. A. 2010. Vertentes dos estudos de acontecimento. *In*: M. BENETTI; V. FONSECA (org.), *Jornalismo e acontecimento*: mapeamentos críticos. Florianópolis, Insular, p. 121-142.